

CENTRO UNIVERSITARIO CENTRAL PAULISTA - UNICEP

CURSO DE PSICOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

LEILA CRISTINA MONTEIRO BRANCO

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA
NO CONTEXTO ESCOLAR:
ANÁLISE SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I, ministrada pela professora Eliane Araújo.

Orientador (a) Prof^ª. Rosana Alves Mangili

São Carlos - SP

JUNHO/2019

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA NA ESCOLA
REGULAR: ANÁLISE SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Projeto de pesquisa referente à Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Central Paulista UNICEP – São Carlos/SP, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Psicologia. Orientador(a) Prof^ª. Rosana Maria Alves Mangili

SÃO CARLOS – SP 2019

JUNHO/2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu agradeço por tudo que vivi em minha vida. Foram as dificuldades que enfrentei no meu caminho, que me fortaleceram e me fizeram acreditar em um mundo melhor, onde é possível viver sem preconceitos e comportamentos tiranos, que vão aos poucos correndo a alma humana. Eu agradeço por toda a sabedoria adquirida até aqui. Agradeço do fundo do meu coração a Professora e orientadora desse trabalho monográfico a Profa. Rosana Maria Alves Mangili, que me oportunizou iniciar no mundo da Educação Especial e do Transtorno do Espectro Autista, que desde então, tem sido uma fonte de enriquecimento pessoal e profissional. Obrigada pelas experiências maravilhosas que compartilhou conosco durante as aulas e supervisões de estágio. Agradeço também, por ter acreditado que esse trabalho poderia ser realizado em meio a tantas turbulências. Obrigada por acreditar em mim. Isso fez toda a diferença em minha vida para sempre. Meus sinceros agradecimentos a todos os meus professores por compartilharem seus conhecimentos com tanta dedicação e carinho, contribuindo de forma significativa para a minha formação como Psicóloga. Aos Profs. Ângela Lorena, Edilaine Scabelo, Eliane Araújo, Elizangela Prata, Fransérgio Follis, Heloisa Robles, Marcos Gigante, Natália Nogueira, Sabrina Marioto e Vanessa Souza. Em especial a Profa. Marina Castro por de acreditado no meu potencial e investido carinhosamente na parceria com o meu trabalho como Acompanhante Terapêutica. A Profa. e coordenadora do curso a Sra. Edna Cursino, agradeço pelas palavras de conforto e por cada orientação durante o curso. Á vocês, desejo todo o sucesso no âmbito pessoal e profissional, que vocês sejam sempre fortes e justos nessa longa caminhada. A minha filha Rafaela Branco Lopes, minha joia preciosa, agradeço pelo simples e grandioso fato de existir em minha vida. A você eu dedico a minha formação a minha vida e a minha vontade de construir um mundo melhor. Obrigada por me esperar até tarde todas as noites mesmo tendo que acordar cedinho na manhã seguinte. Obrigada por me chamar de mãe, por me abraçar e me beijar quando está ao meu lado. Ao meu amigo e amor da minha vida, Sr. Zairo Junior, agradeço pelo amor e carinho, por sempre acreditar que eu poderia fazer algo mais, obrigada por sua atenção e sua generosidade, eu agradeço por todo o tempo que você consegue estar do meu lado. Mesmo distante estamos conectados por uma força inexplicável. Foram vocês que me amaram e acreditaram que eu seria quem eu sempre busco cotidianamente ser. Palavras não dimensionam o meu amor por vocês! A vocês serei eternamente grata. Aos meus colegas de curso, um agradecimento infinito. Foram muitos momentos maravilhosos que nos ligam por um a laço fraternal, até o fim de nossas vidas. Em especial a minha amiga Tainá Furlaneto, por estar do meu lado em cada estudo e resumo de prova, em cada apresentação de seminário, em cada conversa amiga. Eu desejo a você todo sucesso e sabedoria em sua nova jornada.

“Jamais existirão mudanças em nossa sociedade sem o envolvimento de Homens e de Mulheres de bem. O que nos move é a certeza de que a vida é um presente, e o que queremos escrever e/ou deixar para as futuras gerações é uma história que mereça ser contada de lutas, batalhas pelo bem comum, e pelos valores que enobrecem a nossa existência e a dignidade humana. Ter autismo não é somente ter uma deficiência, mas é ter também um grande DESAFIO...” Ulisses da Costa Batista (um dos autores da Lei Federal nº 12.764, Lei Berenice Piana)

RESUMO

O propósito deste trabalho é propor uma reflexão teórica com ênfase nas práticas pedagógicas, voltadas para a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na sala de aula regular, inserido na temática Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Assim sendo, refletimos sobre uma investigação de cunho quantitativo, caracterizada como estudo de caso, realizada no Colégio São Carlos - Sacramentinas, localizado no município de São Carlos/SP. O objetivo geral, é identificar as práticas pedagógicas utilizadas pelo professor frente ao processo de inclusão do aluno autista no contexto da sala de aula da escola regular. Foram definidos como objetivos específicos: **identificar práticas pedagógicas utilizadas pelo professor no cotidiano da sala de aula do ensino regular, frente ao processo de inclusão do aluno autista e investigar sobre a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na escola regular visando a efetivação da inclusão escolar do aluno com autismo.** Sob esse viés, a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no contexto escolar, requer planejamento de práticas voltadas para esse público, na sala regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE) que compreenda e atenda suas reais necessidades, estimulando sua autonomia na vida familiar, escolar e social. Com isso, é necessário investir na formação continuada dos professores para que os mesmos possam conhecer mais profundamente sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e atuar satisfatoriamente garantindo o aprendizado. Trata-se de um estudo quantitativo, no qual será aplicado um questionário semiestruturado com 30 questões.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Práticas Pedagógicas. Inclusão Escolar. Atendimento Educacional Especializado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
CAPÍTULO 1 – ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	10
CAPÍTULO 2 – INCLUSÃO NA ESCOLA DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	14
CAPÍTULO 3 – INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA NA SALA DE AULA DO ENSINO REGULAR: INTERPRETAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	17
CONCLUSÕES.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21
APÊNDICE A – CARTA CONVITE PARA A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA.....	22
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	23
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA.....	25

INTRODUÇÃO

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento definido por alguns déficits nas habilidades sociais e de comunicação e por interesses e comportamentos limitados e incomuns. Mesmo considerando que em alguns casos o TEA apresenta dificuldade na habilidade social seja um dos fatores menos preponderantes no indivíduo autista, este déficit certamente é responsável por outros problemas decorrentes como, por exemplo, problemas de linguagem receptiva ruim, interesses sensoriais incomuns e limitações nas experiências sociais.

Comentado [U1]:

Comentado [W2R1]:

Comentado [W3R1]:

O perfil de crianças com transtornos do espectro do autismo (TEA) é marcado por altos níveis de timidez, que de certa forma predizem a aceitação e/ou rejeição dos colegas.

Entretanto, estudos revelam que a inclusão de crianças autistas em escolas regulares, pode contribuir para facilitar a interação delas com outras crianças, e com isto trazer mudanças na motivação e nos comportamentos sociais de crianças e adolescentes autistas.

Desta forma, a realização deste trabalho de pesquisa se justifica para esclarecer e verificar as dificuldades de execução dessas garantias, buscando um maior entendimento e aprimoramento às reais necessidades dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Para ensinar a turma toda, parte-se do fato de que os alunos sempre sabem alguma coisa, de que todo educando pode aprender, mas no tempo e do jeito que lhe é próprio. Além do mais, é fundamental que o professor nutra elevada expectativa em relação à capacidade de progredir dos alunos e que não desista nunca de buscar meios para ajudá-los a vencer os obstáculos escolares (MANTOAN, 2003, p. 38).

Dentro de uma sociedade que busca repensar a escola e o seu conjunto natural e colocar em prática esse ambiente “(...) *deixa de ser a escola da homogeneidade e passa a ser a escola da heterogeneidade (...)*” (Martins, 2006, p. 19). Um dos grandes desafios atuais é proporcionar uma educação para todos, sem distinções, além de assegurar um trabalho educativo organizado e adaptado para atender às ¹Necessidades Educacionais Especiais (NEE) dos alunos.

¹ O termo Necessidades Educacionais Especiais vai ser utilizado nesse trabalho em virtude da expressão “[...] representar melhor a diversidade discente quando falamos de inclusão. Trata-se de um público muito heterogêneo, abarcando dificuldade orgânicas e não orgânicas, deficiências e transtornos comportamentais (CUNHA, 2016, p. 42).

Nesse sentido, Borges (2005, p. 3, apud BORTOLOZZO 2007, p.15) afirma que:

Um aluno tem necessidades educacionais especiais quando apresenta dificuldades maiores que o restante dos alunos da sua idade para aprender o que está sendo previsto no currículo, precisando, assim, de caminhos alternativos para alcançar este aprendizado.

Comentado [U4]:

No processo de escolarização dos seus alunos, a escola necessita estar apta a desenvolver atitudes e práticas que, somadas às adaptações curriculares, metodológicas e de recursos físicos e materiais, assegure a esses o desenvolvimento de um trabalho de qualidade, que seja capaz de promover a aprendizagem. Nessa perspectiva, Miranda e Filho (2012, p. 12) salientam que, “*nesse processo, o educador precisa saber potencializar a autonomia, a criatividade e a comunicação dos estudantes, e, por sua vez, tornar-se produtor de seu próprio saber*”.

A Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva requer, especialmente, uma escola pensada e organizada a partir de um processo inclusivo, em que as escolas, segundo Martins (2006, p. 20)

Devem centrar-se na busca de rever concepções, estratégias de ensino, de orientação e de apoio para todos os alunos, a fim de que possam ter suas necessidades reconhecidas e entendidas, desenvolvendo ao máximo as suas potencialidades

O espaço escolar deve ser organizado, planejado e sistematizado para ofertar condições aos alunos, independentemente de suas peculiaridades e das suas deficiências, promovendo um ensino de qualidade para todos. De outra forma, estaríamos falando em integração e não em inclusão.

Assim, o aluno com o ² (Transtorno do Espectro Autista) (TEA)³, público alvo desta pesquisa, apresenta características variadas que comprometem suas relações com outras **pessoas**, necessitando, assim, de apoio no seu processo de ensino-aprendizagem. A oferta de escolarização para todos, na perspectiva de inserir os alunos com (NEE) na escola regular, “*(...) aos poucos vem ocorrendo em nosso cenário educacional (...)*” (CARNEIRO, 2012, p. 13).

Comentado [U5]:

² O transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger (APA, 2014, p. 53).

³ Por apresentar sintomas complexos e que podem variar de indivíduo para indivíduo, houve uma mudança para a nomenclatura Transtorno do Espectro Autista (CUNHA, 2016).

Os direitos educacionais devem ser estendidos à pessoa com autismo, conforme garantido na Constituição Federal; em seu Art. 205, em relação à educação como um direito de todos, bem como no Art. 206, inciso I, que estabelece igualdade de condições de acesso e permanência na escola. Esses direitos também são previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), nos Art. 58 e 59, que oferece respaldo para que o ensino da pessoa com deficiência (e que apresenta necessidades educacionais especiais) seja ministrado no ensino regular, preferencialmente, assim como, em decretos e documentos.

Além disso, há direitos previstos no artigo 1º, no § 2º, da Lei nº 12.764/12, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, designando acesso à educação com as adaptações cabíveis que contemplem suas necessidades.

Com essa Lei, os portadores do Transtorno do Espectro Autista ficam assegurados ao acesso as ações e serviços de saúde, incluindo: o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional, a nutrição adequada e a terapia nutricional, os medicamentos e as informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento. Da mesma forma, a pessoa com autismo terá assegurado o acesso à educação e ao ensino profissionalizante, à moradia, ao mercado de trabalho e à previdência e assistência social.

A partir das discussões acima, evidenciamos a condição do aluno com autismo, que deve ser incluído na escola sem qualquer discriminação e ter a garantia do acesso a todas as oportunidades que esse ambiente ofertar, requerendo “(...) *elementos estruturais e pedagógicos diferentes do que a escola comum possui*” (CARNEIRO, 2012, p. 13).

Esse estudo se concretiza na inclusão do aluno autista na sala de aula do ensino regular a partir das práticas vivenciadas no seu processo de ensino-aprendizagem.

Esse trabalho tem grande importância para a educação, por tratar de questões que envolvem a inclusão das pessoas com deficiência no contexto escolar, evidenciando uma reflexão sobre as práticas pedagógicas inclusivas para a inclusão desse público, possibilitando a efetivação do que já fora garantido em uma série de documentos legais.

Quando se trata do aluno com TEA, a situação é semelhante, uma vez que os profissionais da área da educação sentem dificuldade de ensinar esse aluno, e procuram por técnicas ou metodologias salvadoras, o que não há (CUNHA, 2016).

Adicionalmente busca-se evidenciar as práticas pedagógicas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem desses alunos, por meio da presente pesquisa, que tem como objetivo identificar as práticas pedagógicas utilizadas pelo professor frente ao processo de inclusão do aluno autista no contexto da sala de aula da escola regular.

A investigação tem um caráter quantitativo, envolvendo alunos com TEA que estudam na mesma escola e terá como participantes, professores que atuam em sala de aula com aluno com TEA.

O trabalho monográfico está organizado em 3 (três) capítulos: o primeiro capítulo denominado “Aspectos Metodológicos da Pesquisa”, que está estruturado de modo a familiarizarmos o leitor com aspectos metodológicos do trabalho, além de apresentarmos os participantes e também, os colaboradores.

O segundo capítulo é denominado “Inclusão na Escola do Aluno com Transtorno do Espectro Autista: um olhar sobre as práticas pedagógicas”, o qual aborda aspectos relativos à revisão da literatura pertinente ao trabalho.

O terceiro capítulo, intitulado como “Inclusão do Aluno com TEA na Sala de Aula do Ensino Regular: interpretação, análise e discussão”, aborda os resultados encontrados, bem como discussões relacionadas às práticas pedagógicas e psicológicas encontradas na sala de aula.

Por último, teremos as Considerações Finais a respeito do trabalho, que sinalizará a necessidade de formação dos professores para trabalharem com a inclusão e, também, no desenvolvimento de atitudes de colaboração e interação entre os professores das salas de aula regulares, com professores da SRM (Sala de Recursos Multifuncionais), e demais equipes que atendem os alunos com (Necessidades Educativas Especiais) NEE e (Transtorno Espectro Autista) TEA.

Em toda a realização deste trabalho, busca-se responder a seguinte pergunta:

- **Quais são as práticas pedagógicas utilizadas pelo professor em sala de aula frente ao processo de inclusão do aluno autista?**

A hipótese deste trabalho está em investigar sobre a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contexto escolar, visando a efetivação da inclusão escolar do aluno com autismo, identificar práticas pedagógicas utilizadas pelo professor no cotidiano da sala de aula frente ao processo de inclusão do aluno autista e investigar sobre a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contexto escolar, visando a efetivação da inclusão escolar do aluno com autismo.

Como Objetivo Geral pretendeu-se analisar as estratégias para uma ação docente que possibilitem às crianças autistas o direito a uma educação inclusiva de qualidade.

Já os Objetivos Específicos foram:

- Identificar as estratégias utilizadas pelos professores para o desenvolvimento de ações pedagógicas em sala de aula com alunos autistas.
- Identificar as principais dificuldades encontradas pelos professores quanto à inclusão de alunos autistas nas escolas.

Quanto à Metodologia de pesquisa, a investigação tem um caráter quantitativo, envolvendo alunos com TEA que estudam na mesma escola e terá como participantes, professores que atuam em sala de aula com aluno com TEA.

A metodologia aplicada nesse trabalho terá como base uma pesquisa de campo que será realizada em uma escola de São Carlos – SP. Para obter os resultados será utilizada a metodologia da pesquisa quantitativa. A mesma terá caráter descritivo e exploratório, que levará o sujeito pesquisado a pensar e se expressar de forma espontânea sobre o assunto em questão sem a presença do pesquisador. Os instrumentos utilizados neste campo serão questionários, elaborados com perguntas claras e objetivas. Os mesmos servirão como suporte necessário para explicar o motivo da pesquisa.

CAPÍTULO 1

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Toda realização de um trabalho de pesquisa implica na definição de uma metodologia para sua execução.

Comentado [U6]:

Numa pesquisa, podemos entender como qualquer tipo de investigação destinada a desvendar fatos novos e/ou interessantes, e como em todas atividades, o rigor com que a pesquisa é realizada será refletido na qualidade dos resultados.

De maneira bem resumida, Nascimento e Sousa (2017) assinalam que os tipos de pesquisa mais conhecidos são: estudo de caso, pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, levantamento, *ex-post facto*, pesquisa participante, pesquisa-ação, pesquisa etnográfica, pesquisa fenomenológica, e pesquisa experimental.

Neste sentido, os métodos de pesquisa são as ferramentas e técnicas utilizados na realização da pesquisa. Estas ferramentas é que vão fornecer as melhores maneiras para coletar, classificar e analisar as informações para que chegar a conclusões que possam validar a pesquisa realizada.

Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 42) consideram que a Metodologia implica na definição dos seguintes tópicos:

- Tipo e método de pesquisa: de acordo com o propósito, qual tipo de pesquisa é mais indicado: exploratória – permite familiarizar melhor com o problema ou hipótese. Envolve levantamento bibliográfico, entrevistas e análises, que podem ser: descritiva – baseada na observação como um meio de coleta de dados, e examina situações para estabelecer o que se pode prever que aconteça novamente na mesma circunstância; explicativa – busca “*identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos*”, explicando a razão dos fatos.
- Área e Universo do estudo: onde será realizada a intervenção, contendo a identificação e as características do local;
- Fontes de coleta de dados: de onde serão extraídas as informações coletadas no decorrer da pesquisa;
- População e amostra: indivíduos que serão entrevistados, e/ou investigados;
- Procedimentos e técnicas de pesquisa: como ela será realizada;
- Variáveis: fatores que podem interferir no resultado da pesquisa;

Ainda segundo os autores, “*a metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa*” (KAUARK, MANHÃES E MEDEIROS, 2010, p. 53).

Importante acrescentar que os tópicos que nortearão o trabalho de pesquisa somente serão definidos a partir do momento em que se tem um problema de pesquisa, que pode ser baseado em uma questão controversa não resolvida, uma lacuna no conhecimento ou uma necessidade de se aprofundar mais no assunto escolhido.

Neste sentido, é muito importante ter consciência e certo conhecimento sobre o tema a ser discutido, pois uma mente curiosa e questionadora deve ter a capacidade de se expressar claramente, para formular um problema que seja adequado para a realização de um projeto de pesquisa.

Vale destacar a orientação de Gil (2002) sobre a definição de não mais que uma área problemática dentro do assunto ou tema tratado, isto pode facilitar para que se possa aprimorar um aspecto que seja mais interessante, controverso ou de particular importância.

A partir deste momento pode-se então apresentar uma justificativa para o problema de pesquisa, a partir de uma pergunta, da definição de alguns objetivos e/ou da formulação de uma hipótese (GIL, 2002).

Uma boa hipótese também pode ser muito útil para organizar a pesquisa, limitando a interação entre a questão levantada e as variáveis que podem surgir. Pode também ser importante no momento da escolha dos métodos de coleta, análise e interpretação dos dados.

Fachin (2006, p. 66) apresenta “*alguns requisitos essenciais para a hipótese*”:

- a) *deve ser conceitualmente exata, explicada por definições manuais e operacionais;*
- b) *a redação do seu enunciado deve ser na forma de sentença declarativa;*
- c) *deve ser específica e com referências empíricas;*
- d) *deve estar necessariamente vinculada a métodos e técnicas que se ajustem à pesquisa;*
- e) *sua relação deve ser com teoria de base, ou seja, explicada pela formulação do problema;*
- f) *estabelecer relação com duas ou mais variáveis;*
- g) *deve ser concisa, na sua formulação, e ter a menor quantidade possível de palavras;*
- h) *nunca deve contradizer o seu enunciado; e*
- i) *deve servir como esclarecimento do fato (objeto) estudado.*

Desta forma, temos que a confirmação ou rejeição resultante da hipótese através das informações obtidas no decorrer da pesquisa, devem fornecer uma clara indicação da extensão do conhecimento adquirido.

O objetivo de fazer um projeto de pesquisa está em identificar um problema específico, coletar informações e apresentar algumas respostas ou soluções.

Entretanto, para convencer o leitor de que as informações coletadas são relevantes para o problema proposto, e que as respostas e conclusões foram baseadas em uma análise correta das informações obtidas, é preciso que o autor da pesquisa use algum argumento lógico.

Ainda de acordo com Fachin (2006, p. 34-35)

Na lógica, a evidência é denominada premissa. (...) A evidência, que são as premissas, e a conclusão formam um conjunto denominado argumento (...)

Um argumento, do ponto de vista da lógica, pode ser verdadeiro ou falso. A literatura diz que um argumento é válido quando as premissas estão relacionadas com a conclusão e que esta deve ser verdadeira quando as premissas são verdadeiras (...)

Um argumento é naturalmente não válido quando as evidências não estão relacionadas logicamente com a conclusão e, assim, não são capazes de sustentá-las (...)

Temos que a realização de um trabalho de pesquisa científica consiste em definir um tema ou problema, o qual pode apresentar um ou mais aspectos relevantes, coletar, analisar e interpretar as informações obtidas sobre o tema, e a partir daí firmar seu posicionamento em relação aos resultados afim de planejar as diretrizes argumentativas que serão adotadas para ilustrar e defender a pesquisa proposta.

Por fim, no momento da apresentação da análise do trabalho de pesquisa, é válida a inserção de uma revisão da literatura capaz de fornecer uma introdução dos conceitos tratados no trabalho, com a citação de artigos e publicações que ajudem a sustentar a argumentação.

A interpretação dos resultados, parte mais importante do relatório de pesquisa, onde *“são transcritos os resultados, agora sob forma de evidências para a confirmação ou a refutação das hipóteses”* (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 231).

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 231-232), no momento da interpretação dos resultados é importante destacar alguns pontos, como por exemplo:

- as diferenças entre os resultados obtidos e os previstos: apresentar uma discussão dos resultados a partir das análises realizadas;

- a comprovar ou refutar a(s) hipótese(s): apontar os resultados que comprovam ou não a validação do que foi pressuposto no início da pesquisa;
- apresentar críticas, erros e/ou dificuldades ocorridas durante o trabalho de pesquisa, e que podem até ter tornado impossível sua realização;
- indicar a maneira como as hipóteses foram validadas, a partir da apresentação de provas de confiabilidade e precisão dos dados apresentados;
- apresentar a contribuição dos resultados para o universo: trata-se do escopo dos resultados, cujo objetivo é responder até que ponto os resultados da pesquisa podem ser generalizados para outras populações e/ou situações semelhantes;

Em seguida, para sustentar sua teoria, o autor da pesquisa deve sugerir ao leitor o acompanhamento da pesquisa com o intuito de contribuir para o enriquecimento das informações a respeito do tema apresentado.

Por fim, os autores assinalam que a interpretação dos resultados direcionam às conclusões.

O objetivo da conclusão é confirmar ou não a hipótese/objetivo proposto, lembrando que nenhum trabalho de pesquisa deve ser encerrado neste momento. Ao contrário disto, o autor deve oferecer ao leitor a possibilidade, uma abertura para que sua pergunta de pesquisa possa ser ampliada ou estudada mais detalhadamente.

Pode-se verificar que os métodos de pesquisa apresentam-se como diferentes ferramentas que podem ser utilizadas em uma série de eventos, seja no âmbito educacional ou profissional, nas questões que envolvem problemas sociais, comerciais e/ou financeiros, com o propósito de desenvolver ou melhorar negócios ou serviços.

O mais importante é saber como aplicar as ferramentas disponíveis para se chegar aos resultados pretendidos.

Como em toda a atividade, a realização de um trabalho de pesquisa deve ser rigoroso e refletir a qualidade dos resultados obtidos, e para tanto é necessário estruturar perguntas e/ou hipóteses, e chegar a conclusões que sejam baseadas em evidências apropriadas e argumentos sólidos, que possam consolidar o conhecimento e o entendimento do tema pesquisado.

CAPÍTULO 2

INCLUSÃO NA ESCOLA DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Nas últimas décadas, um número crescente de países e organizações vem declarando seu apoio à “inclusão” de todos os indivíduos na Educação, respondendo em parte às recomendações dos movimentos de defesa do autista.

Na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, provada pela Organização das Nações Unidas (ONU), apoia o direito de todo aluno, incluindo aqueles com espectro do autismo, terem acesso à Educação inclusiva, de qualidade e gratuita em sua comunicada, com o apoio necessário para ajudar a capacitá-los para que alcance seu potencial. Os países que participaram desta Convenção, inclusive o Brasil, se responsabilizaram por garantir aos deficientes o acesso à Educação Básica, ao ensino superior, ensino profissional, educação de jovens e adultos e educação continuada, “sem discriminação e em igualdade de condições com as demais pessoas” (ONU, 2006, Art. 24).

Destaque-se que neste sentido, a inclusão não deve ser confundida com integração, que se concentra na capacidade do indivíduo se adaptar a um ensino convencional. A inclusão exige que o ambiente educacional seja adaptado para responder às diversas necessidades de seus alunos. E neste sentido, educadores e estudiosos divergem sobre a melhor forma de se compartilhar as salas de aulas.

Mantoan (2003) afirma que a Constituição Federal de 1988 garante a todos, sem distinção de origem, raça, sexo, cor, deficiência ou idade, o acesso à mesma sala de aula, mas adverte que “(...) *um dos argumentos sobre a impossibilidade prática a inclusão total aponta os casos de alunos com deficiências severas, múltiplas, notadamente a deficiência mental e os casos de autismo*” (MANTOAN, 2003, p. 22).

Embora este assunto esteja claramente indicado em nossas legislações, os detalhes não os são, e com isto a definição e a abrangência do termo “*inclusão*” ainda gera muitos debates.

Existem aqueles que defendem que todas as crianças devem ser educadas na mesma escola, de preferência nas mesmas classes, mas ressaltam as garantias previstas na Constituição Federal, no que diz respeito ao “*atendimento educacional especializado*”, ou seja, a adoção de medidas que atendam às necessidades específicas dos alunos com deficiência (MANTOAN, 2003, p. 23).

Nota-se uma postura nitidamente controversa. Como oferecer as mesmas possibilidades a todos indistintamente, se os alunos com necessidades especiais têm direito a um atendimento especializado?

Vale salientar que quando se refere a inclusão de crianças autistas em um ambiente escolar regular, as dificuldades de adaptação são ainda maiores. Isto ocorre porque uma das maiores barreiras para os autistas está na dificuldade de comunicação, já que muitos deles não conseguem manter uma comunicação oral com as outras pessoas.

Belisário Junior e Cunha (2010, p. 32) destacam que é comum haver prejuízos na área da comunicação e linguagem em indivíduos autistas, e que nas escolas de ensino regular é possível

encontrar crianças com nenhuma comunicação verbal e não verbal, com verbalização de palavras isoladas, com linguagem estereotipada, fazendo uso da repetição de frases e da entonação ouvida de outras pessoas ou de personagens, com linguagem correta do ponto de vista sintático, mas com pautas estereotipadas e pouco contextualizadas, dificuldades de interpretação semântica, entre outras

Neste sentido, encontramos estudiosos e educadores que defendem a inclusão de alunos com necessidades especiais nas classes regulares, desde que estas salas de aula tenham um professor comum e um outro profissional especialmente contratado para atuar com serviços de apoio especializados junto aos alunos que apresentam dificuldades.

As posições são muito acirradas, e qualquer que seja a visão adotada, apontamos que: a maioria das escolas está deixando de incluir crianças e jovens autistas nas salas de aulas regulares em função da complexidade dos sintomas apresentados.

Assumpção et al (1995) destaca que a dificuldade de comunicação da criança autista acaba por desencadear a maior parte das disfunções de comportamento que estes indivíduos apresentam, o que dificulta ainda mais o convívio de crianças autistas com outras crianças. O autor propõe a adoção de outras formas de comunicação para promover a integração dos alunos em sala de aula.

Comentado [U7]:

Comentado [U8]:

De qualquer maneira, sabemos que existem falhas. A sociedade entende que é urgente avançar na direção da inclusão na prática, e não apenas na teoria. É preciso incentivar as escolas a adotarem programas de políticas educacionais inovadoras, em que Governo (de todas as esferas) trabalhem em conjunto com as entidades e associações de autistas buscando identificar possibilidades imediatas para melhorar a inclusão destes indivíduos em todos os níveis do sistema educacional.

Assumpção et al (1995) assinala que dentre as principais ações a serem implementadas podemos citar:

- a melhoria da compreensão social e da aprendizagem de estudantes autistas;
- o desenvolvimento de apoios individualizados para maximizar o desenvolvimento deste grupo de estudantes;
- treinamento específico para todos aqueles que terão contato com alunos autistas;
- a adaptação do ambiente físico das escolas e salas de aulas;
- a aquisição de recursos audiovisuais para os casos de alunos que apresentam problemas sensoriais mais avançados.

É pouco provável que, a curto prazo, teóricos e profissionais da educação, juntamente com Governo e legisladores, cheguem a um consenso sobre o modelo ideal de inclusão para estudantes autistas. Por isso a urgência em se iniciar debates e transpor desafios. O tempo urge, e é imperativo que se busque alternativas para promover os direitos destas crianças, garantindo a elas o acesso a uma educação inclusiva de qualidade.

Comentado [U9]:

CAPÍTULO 3
INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA NA SALA DE AULA DO ENSINO
REGULAR: INTERPRETAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO

No decorrer da realização deste trabalho de pesquisa, foi dada a oportunidade de conhecer e compreender um pouco mais sobre o Transtorno do Espectro Autista - TEA, e principalmente sobre a importância de se buscar alternativas de inclusão de crianças e jovens autistas no ambiente educacional regular.

As informações encontradas sobre o tema dão conta do quanto é necessário oferecer ao aluno autista a oportunidade de se relacionar com outros indivíduos de sua idade, com ou sem TEA, como uma forma de colaborar para o seu desenvolvimento individual, sensorial e intelectual.

A adoção de metodologias didático-pedagógicas corretas, pode desencadear um avanço notório na aptidão e na aprendizagem de indivíduos autistas.

E para conhecer mais de perto a realidade dentro de uma sala de aula de ensino regular, foi aplicado um questionário com 30 questões, junto a dez professores de diferentes disciplinas, que ministram aulas em um colégio particular, localizado no município de São Carlos/SP. Para cada uma das questões apresentadas, o professor deveria assinalar apenas uma alternativa.

Os resultados obtidos são apresentados a seguir:

- Em relação à acolhida, a totalidade dos entrevistados concorda que tudo é feito para que todos se sintam bem-vindos.

- Nas questões que envolvem colaboração, respeito, integração, valorização e parceria entre profissionais, pais e alunos, 80% dos entrevistados concordam que estas práticas são comuns dentro da Escola.

- A maioria dos docentes (80%) afirmam que profissionais, pais e alunos partilham uma filosofia de inclusão, e a totalidade deles indicaram que a escola esforça-se para minimizar as práticas discriminatórias;

- Somente 30% dos entrevistados não consideram o edifício da escola acessível para todas as pessoas;

- As questões que envolveram medidas disciplinares, disciplina em sala de aula, apoio a aprendizagem e participação dos alunos, utilização de recursos para apoiar a inclusão e promover a igualdade, 80% dos entrevistados concordam com as ações implementadas na escola.

- A totalidade dos professores concordam que os alunos devem participar de atividades fora da sala de aula.

- 70% dos professores concordam que os pais recorram à escola para pedir esclarecimento ou apoio ao aluno com deficiência, e consideram significativa a melhoria das aquisições básicas para atender alunos com Perturbações do Espectro Autista.

- Os professores dividem opiniões quando a questão diz respeito ao sucesso na inclusão dos alunos com Perturbações do Espectro Autista. Apenas 50% concordam parcialmente que a inclusão é realizada com sucesso.

- Da mesma forma, 60% dos professores concordam parcialmente que o aluno com Perturbações do Espectro Autista deve frequentar o máximo de horas na sala de aulas regular, que os demais alunos respeitam o aluno com TEA, e que os alunos são constantemente envolvidos em atividades de conscientização sobre o TEA.

- A grande maioria (80%) concorda plenamente que a inclusão do aluno com TEA deve ser feita desde que entra em sala de aula com Metodologia ABA e que professores e alunos devem contribuir para que o ambiente em sala de aula seja acolhedor para os alunos com autismo.

- A totalidade concorda que o Método ABA contribui para a socialização de alunos com TEA e que o aluno portador destas perturbações se sente acolhido pelos professores e alunos da Escola.

A aplicação do questionário permitiu observar a abordagem sobre o tema desenvolvido, junto à comunidade escolar, e contribuiu para se ter um panorama do conhecimento e, conseqüentemente, do tratamento dispensado aos alunos portadores de TEA quando no convívio com indivíduos dentro de uma sala de aula de ensino regular.

CONCLUSÃO

Longe de pretender esgotar a discussão sobre este tema, os resultados apresentados demonstram a realidade, onde encontramos profissionais comprometidos com a questão da inclusão do aluno autista em sala de aula regular, mas esbarramos em alguns poucos, mas não insignificantes, obstáculos que tornam este processo de inclusão mais moroso.

De certo que esta amostragem se restringe a um único caso dentre centenas de alunos, mas não deixa de ser uma referência a partir da qual pode-se apresentar propostas de melhoria, que, posteriormente, podem também ser implementadas em um ambiente com maior número de alunos portadores de autismo.

As respostas obtidas junto aos docentes indicam que a totalidade deles adota a Metodologia de ensino ABA (Applied Behavior Analysis) conhecida como Análise do Comportamento Aplicada, uma espécie de terapia utilizada junto a portadores de TEA, que tem por objetivo ajudar o aluno com autismo a ter um aprendizado sem erros, diminuindo assim sua frustração diante dos problemas apresentados, e dando-lhe a oportunidade de adquirir novas habilidades, aumentando sua motivação e o prazer de aprender.

Com base nesta informação já se pode ter um exemplo de que trata-se de um estabelecimento de ensino que orienta e incentiva a inclusão de crianças e adolescentes com TEA em seu ambiente. Além disto, o estímulo a utilização de metodologias específicas para alunos especiais, colabora para que os demais alunos também tenham um conhecimento e um convívio mais natural, a partir do momento em que pode reconhecer o colega de classe como alguém que pode dividir o mesmo espaço e atividades que eles, desde que possuam acompanhamento e recursos específicos para seu aprendizado.

Não mais importante que as demais informações obtidas, esta, em especial, vai de encontro com a pesquisa bibliográfica realizada, e demonstra o quanto o processo de inclusão depende do incentivo material (aquisição de recursos específicos) mas principalmente da participação dos profissionais e demais envolvidos, no que tange a adoção de uma abordagem que estimule o acolhimento e o respeito às diferenças.

É certo que os portadores de Transtorno do Espectro Autista pode apresentar diferentes níveis de dificuldades de comportamento e de aprendizado. Alguns casos mais acentuados, necessitam de um acompanhamento mais específico e demorado.

Porém sabe-se que muitos autistas podem conviver com mais facilidade dentro da sociedade, e frequentar escolas e outros locais como qualquer outra pessoa.

Neste sentido, não se pode também desmerecer os profissionais docentes e as instituições de ensino que investem em recursos materiais, em treinamentos e cursos voltados para este grupo de alunos. Certamente, quanto mais conhecimento e proximidade a comunidade escolar tiver com portadores de TEA, mais fácil e menos doloroso será o processo de Inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU E ANDRADE, Aline; TEODORO, Maycoln Leôni Martins. *Família e autismo: uma visão da literatura*. **Contextos clínicos**, v. 5, n. 2, p. 133 – 142, jul.–dez., 2012.

ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco Baptista, SCHWARTZMAN, José Salomão. **Autismo Infantil**. São Paulo: Memnon, 1995.

BATISTA, Sergio Murilo; FRANÇA, Rodrigo Marcelino de. *Família de pessoas com deficiência: Desafios e superação*. Blumenau, 2007. Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABPiYAG/familia-pessoas-com-deficiencias-desafiossuperacao?part=2>. Acesso em: 14 de março, 2019.

BELISÁRIO JUNIOR, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

BEZERRA, Hannah Carla de Jesus et al. *O sofrimento das famílias frente o diagnóstico de autismo: Uma revisão sistemática da literatura*. II congresso internacional de educação inclusiva, 2016.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: <https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf?1473202907>. Acesso dia: 22 de outubro de 2019.

MARINHO, Eliane A. R.; MERKLE, Vânia Lúcia B. *Um olhar sobre o autismo e sua especificação*. IX congresso nacional de educação – Edurece. III Encontro Sul Brasileiro de psicopedagogia, p.6085- 6095, out, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 12 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

NASCIMENTO, Francisco Paulo do; SOUSA, Flávio Luís Leite. **Metodologia da pesquisa científica: teoria e prática: como elaborar TCC**. Fortaleza: INESP, 2017. 195p.

OLIVEIRA, Ágatha Lúcia Santana de. *Dificuldades dos pais na aceitação da deficiência dos seus filhos frente à descoberta do diagnóstico*. **O portal dos psicólogos**, 2018.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz. et. al. *Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares*. **Rev. Gaúcha de Enferm**. Set, 2016.

SCHMIDT, Carlo; BOSA, Cleonice. *A investigação do impacto do autismo na família: Revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo*. **Interação em Psicologia**, jul/dez, 2003.

SILVA, Natália Martins da. *Transtorno do Espectro Autista: Possíveis impactos do diagnóstico para os pais*. **Faculdade de educação e meio ambiente**, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A - CARTA CONVITE PARA A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Prezado senhor (a)

Este trabalho é composto pela aluna Leila Cristina Monteiro Branco, aluna do Curso de Psicologia, cursando o quinto ano de graduação no Centro Universitário Central Paulista - UNICEP. No momento, estou realizando um trabalho de pesquisa, sob a orientação da professora Rosana Alves Mangili, com o objetivo de identificar “O processo de inclusão do aluno com TEA no contexto escolar, sobre as práticas pedagógicas”

Sendo assim, venho por meio desta carta convidar o senhor (a) _____, para participar do presente estudo. Sua participação é muito importante e contribuirá muito para nossa pesquisa.

Desde já conto com a sua colaboração!

Atenciosamente.

Leila Cristina Monteiro Branco

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: “O Processo de Inclusão do Aluno Autista no Contexto escolar, uma Análise sobre as práticas Pedagógicas”

Pesquisador (a) responsável: Rosana Alves Mangili e Leila Cristina Monteiro Branco (auxiliares)

Instituição/Departamento: Centro Universitário Central Paulista - UNICEP – Psicologia.

Endereço do (a) pesquisador (a) responsável: Av. Dois, 196 – Centro – Itirapina/SP
Leila Cristina Monteiro Branco

Telefone do (a) pesquisador (a) responsável para contato: (19) 99948.2909

Prezado (a) Senhor (a):

- Você está sendo convidada a responder às perguntas desta entrevista de forma totalmente voluntária.
- Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este roteiro, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.
- Os pesquisadores deverão responder a todas as suas dúvidas antes que você se decidir a participar.
- Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem que isso acarrete quaisquer consequências para você.

Objetivo do estudo: A pesquisa "**O Processo de Inclusão do Aluno Autista no Contexto escolar, uma Análise sobre as práticas Pedagógicas**", está sendo realizada pela aluna de Psicologia Leila Cristina Monteiro Branco, sob a orientação da professora Rosana Alves Mangili, do Curso de Psicologia do Centro Universitário Central Paulista (UNICEP). Tal pesquisa tem como objetivo investigar e analisar as estratégias para uma ação docente que possibilite as crianças autistas o direito a uma educação inclusiva de qualidade.

Procedimentos: A sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário semiestruturado. A entrevista será realizada em um local, dia e horário de acordo com a sua disponibilidade.

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos: A participação nessa pesquisa não envolve nenhum tipo de risco de ordem física ou psicológica para você, estando ciente de que os procedimentos da pesquisa consistirão em perguntas sobre questões de sua vivência referente à temática tratada.

Se sentir desconfortável ou constrangimento poderá interromper sua participação na pesquisa.

Sigilo: Seu nome será mantido em sigilo, assim como outras informações pessoais. Os resultados deste trabalho científico estarão sob o cuidado dos pesquisadores, podendo ser divulgados em congressos e artigos, resguardando-se o sigilo quanto a qualquer informação pessoal a seu respeito.

Indenização e ressarcimento: É garantida indenização em casos de danos, comprovadamente, decorrentes da sua participação na pesquisa, por meio de decisão judicial ou extrajudicial. Não há qualquer valor econômico, a receber ou a pagar, pela sua participação.

Em caso de dúvida: Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Seres Humanos do UNICEP situado na Rua Miguel Petroni, 5111 – Fone (16) 33622111, CEP 13563-570, São Carlos/SP. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Ciência e de acordo do participante (sujeito da pesquisa):

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto pelo (a) pesquisador (a), eu _____, RG: _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento **em duas vias**, ficando com a posse de uma delas.

São Carlos, ____/____/____

Assinatura do sujeito de pesquisa ou Representante legal

Ciência e de acordo do pesquisador responsável:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Declaro que assinei 2 vias deste termo, ficando com 1 via em meu poder.

São Carlos, ____/____/____

Assinatura pesquisador responsável pelo projeto

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Idade: _____ Gênero: () M () F Data: ____/____/____

Questões Específicas

**INDICADORES PARA A INCLUSÃO
QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES**

(O presente questionário, destina-se a desenvolver um estudo sobre a inclusão no 1º Ciclo. As informações obtidas são de carácter anónimo e confidencial).

Escola: _____

Formação Acadêmica: _____ Ano: _____

Formação Especializada: _____ Ano: _____

Formação/Informação sobre a Metodologia ABA: Sim () Não ()

Tempo de Serviço: _____

Tempo de Serviço com o Modelo ABA: _____

Nº de alunos da sala de aula: _____

Nº de alunos da sala de aula com Perturbação do Espectro Autista: _____

Nº de alunos da sala de aula com a Metodologia ABA: _____

Por favor coloque um X na caixa que indica a sua opinião

		Concordo Plenamente	Concordo Parcialmente	Discordo	Necessito de mais Informação
1	Tudo é feito para que todos se sintam bem-vindos				
2	Os alunos ajudam uns aos outros				
3	Os profissionais colaboram uns com os outros				
4	Profissionais e alunos tratam-se com respeito				
5	Profissionais e pais trabalham em parceria				
6	Profissionais, alunos, pais/encarregados de educação partilham uma filosofia de inclusão				
7	Todos os alunos são igualmente valorizados				
8	A escola esforça-se por minimizar as práticas discriminatórias				
9	Os novos profissionais são ajudados a integrar-se na escola				
10	A escola torna o seu edifício acessível a todas as pessoas				
11	Os novos alunos são ajudados a integrar-se				
12	A escola organiza os grupos/turma valorizando a diversidade				
13	As medidas disciplinares que recorrem à exclusão estão extintas				
14	As aulas são preparadas para serem acessíveis a todos os alunos				
15	A disciplina na sala de aula é baseada no respeito mútuo				
16	Os professores preocupam-se em apoiar a aprendizagem e a participação de todos os alunos				
17	Todos os alunos participam das atividades fora da sala de aula				
18	Os recursos da escola são utilizados para apoiar a inclusão				
19	As diferenças entre os alunos são utilizadas como um recurso para o ensino e para a aprendizagem				
20	O país recorre à escola para esclarecimento/apoio da criança com deficiência				
21	É aplicado o modelo ABA para os autistas				
22	É significativa a melhoria das aquisições básicas nos alunos com Perturbações do Espectro Autista após o término do ano letivo				
23	A inclusão dos alunos com Perturbações do Espectro Autista nas salas é feita com sucesso				
24	A inclusão do aluno com Perturbações do Espectro Autista no ensino regular é feita desde que ele entra para a sala com Metodologia ABA				
25	O aluno com Perturbações do Espectro Autista frequenta o máximo número de horas a sala do regular				
26	O Método ABA contribui para a socialização dos alunos com Perturbações do Espectro Autista				
27	O aluno com Perturbações do Espectro Autista se sente acolhido pelos professores e alunos				
28	Os alunos respeitam as limitações do aluno com Perturbações do Espectro Autista				
29	Os alunos estão constantemente envolvidos em atividades de conscientização sobre o Espectro Autista				
30	Os professores e alunos contribuem diariamente para que o ambiente em sala de aula seja acolhedor para os alunos com o Espectro Autista				

